

Como vão as igrejas?



1. A IGREJA PERANTE DEUS

Considerando as declarações bíblicas a seguir, podemos ver como Deus valorizou a igreja.

A. A igreja nos planos de Deus

“Deus sujeitou todas as coisas debaixo dos pés de Cristo; e para ser cabeça sobre todas as coisas o deu à igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todas as coisas [...] A multiforme sabedoria de Deus seja manifestada, *por meio da igreja*, aos principados e potestades nas regiões celestes, segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus nosso Senhor [...] A (Deus) seja a glória na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre! Amém!” (Ef 1.22-23, 3.10-11; 3.21).

“Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, a fim de a santificar, tendo-a purificado com a lavagem da água, pela palavra, para apresentá-la a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5.25-27).

Com estas e outras declarações bíblicas, torna-se claro que Deus é o Criador e Arquiteto da igreja. Cristo deu a sua vida

por ela, seu corpo. O Espírito Santo foi envidado para lhe dar poder para cumprir sua missão de testemunhar de Cristo em toda a parte da terra (Jo 14.16-17; At 1.8) e chamar pecadores para a comunhão nesta nova humanidade que ele está edificando, guiando e preservando para a eternidade.

B. As igrejas examinadas por Deus

O livro do Apocalipse descreve a condição de sete igrejas na Ásia perante seus “exames clínicos”. Jesus Cristo, que vive entre as igrejas, examinou-as, uma por uma. O Espírito Santo transmitiu pelo apóstolo João cartas às igrejas, dando-lhes os resultados das análises feitas pela Cabeça do corpo (Ap 2-3).

Essas cartas descrevem igrejas em várias condições: “sadias”, “mais ou menos sadias” e “em perigo”. As correções, exortações, conselhos e advertências indicam que suas vidas não são fáceis; todas elas têm de labutar para viver.

À luz dessa análise feita antes do término do século I, as igrejas não iam bem. Não havia muita confiança em seu futuro, apesar de Jesus ter dito: “Edificarei a minha igreja, e as portas do Hades não prevalecerão contra ela” (Mt. 16.18).

2. AS IGREJAS NAS OPINIÕES HUMANAS

Hoje em dia, muitas pessoas não têm o mínimo interesse nas igrejas. Ignoram-nas ou as denunciam como relíquias, irrelevantes, ou hipócritas. Será que o plano de Jesus fracassou?

Ao analisar o Mundo Ocidental das décadas de 1960-1980, John R. W. Stott notou que aquela geração de jovens se recusava a se adaptar aos padrões de cultura vigentes. Ela buscava uma alternativa que oferecesse coisas com significado, como paz, amor e realidade, mas a buscava nos lugares errados. Ignorava a igreja.

De lá para cá, o mundo vem passando por um período de profundas mudanças. Muitas pessoas, tanto no Brasil como no

resto do mundo, procuram soluções para suas frustrações e ambições pessoais e para os problemas que abalam as nações. Elas deveriam buscar uma igreja para lhes dar uma palavra vinda de Deus, mas consideram que as igrejas nada têm para oferecer à sociedade pós-cristã. Dizem que elas só sabem iludir os fracos que não têm recursos para enfrentar as realidades do mundo secular. Outros dizem que elas perpetuam as tradições que contribuíram para a confusão atual. As pessoas não encontram nas igrejas uma alternativa para a sociedade, mas sim o conformismo. Decepcionadas, concluem que as igrejas são inúteis no mundo do utilitarismo. John Stott afirma que “na medida em que uma igreja se conforme com o mundo, e as duas comunidades pareçam ser meramente duas versões da mesma coisa, essa igreja estará contradizendo a sua verdadeira identidade” (Stott, *Efésios*, p. 2).

A igreja é um povo chamado para ser semelhante a Jesus Cristo (Rm 8.29). Esta é sua identidade. No Antigo Testamento, Deus chamou Israel; agora, ele chama a igreja. Chama para o quê? Como Stott afirmou:

O tema essencial de toda a Bíblia, desde o começo até o fim, é que o propósito histórico de Deus é chamar um povo para si mesmo; que este povo é um povo ‘santo’, separado do mundo para lhe pertencer e obedecer; e que a sua vocação é permanecer fiel a sua identidade, isto é, ser ‘santo’ ou ‘diferente’ em todo o seu pensamento e em todo o seu comportamento (Stott, p. 2ss).

Deus criou a igreja e a valorizou, dando-lhe esse alto e sublime propósito. Muitas igrejas proclamam essa mensagem, mas a contradizem no dia-a-dia. Muitos não-cristãos, portanto, não dão valor à igreja. Sua imagem está desvirtuada. Essa rejeição à igreja muito nos preocupa.

Mas a realidade é mais triste ainda: um número elevado de cristãos encontra-se desiludido em relação às igrejas. Alguns afirmam que elas não têm futuro. Outros crêem que elas já

morreram, apesar de não estarem, ainda, enterradas. Pessoas que professam ser crentes no Senhor Jesus Cristo rejeitam as igrejas, dizendo: “Jesus, sim; igreja, não”. Deixam de se reunir com o povo de Deus. A Palavra de Deus ensina, porém, que não existe cristianismo privado, individualista. Precisamos dos nossos irmãos, para “encorajarmo-nos uns aos outros” e “incentivar-nos ao amor e às boas obras” (Hebreus 10.25). Conviver com a comunidade cristã é imprescindível para todos que nasceram de novo.

O desencantamento com a igreja não nasceu nestes dias. No século passado, o filósofo e teólogo dinamarquês Soren Kierkegaard (1813-1855) expressou esse sentimento quando afirmou que “Cristo transformou água em vinho; a igreja fez algo mais difícil: conseguiu transformar vinho em água.”

Na Europa e nos EUA, anualmente, as portas de milhares de igrejas se fecham para não abrir mais. As notícias de imoralidade dentro das igrejas escandalizam o mundo. O projeto da constituição para a União Européia excluiu a proposta que fazia qualquer menção que o cristianismo ou Deus tivesse tido alguma influência na cultura ou na formação da Europa. Muitos observadores concluíram que a Europa já deixou de ser cristã. Nos EUA, aumentam-se esforços para pôr em xeque a influência cristã na vida pública.

Regoziamo-nos com a multiplicação de igrejas no Brasil, na América do Sul, na África e na Ásia. Nesse mesmo país e nesses continentes, porém, as igrejas enfrentam sérios problemas e fortes críticas. Alguns líderes são acusados de adultério. Pouca diferença existe entre o padrão de vida dos crentes e o dos não-crentes. Recentemente um dedicado crente brasileiro externou sua preocupação com as igrejas evangélicas na sua pátria. Declarou que a maioria delas continua omissa e alienada do mundo. “Sua cosmovisão é muito estreita; bastante doméstica. A educação religiosa é decadente [...] Há uma enorme

preocupação com quantidade. Todos querem ver seus templos cheios [...], mas o povo está faminto.” Outros apontam a incompetência eclesiástica, a secularização crescente e a carência de crentes dedicados e de igrejas de integridade.

Não há dúvida, de modo geral, as igrejas estão em crise. Apesar da importância da igreja aos olhos de Deus, há muitos cristãos que não a valorizam. Nunca se inclinaram a dar suas vidas em favor do crescimento e ministério da igreja. A cena é das mais preocupantes. Como notamos, Jesus Cristo, o Senhor da igreja, declarou que a edificará e capacitará para invadir e prevalecer contra as fortalezas do inimigo. Como podemos relacionar sua afirmação com nossa situação atual? Parece-nos que o item da agenda mais urgente para os cidadãos do Reino é a reconstrução das igrejas.

Crises não são raras na história da igreja. Começaram logo depois do Dia de Pentecostes; o livro dos Atos e as Epístolas do Novo Testamento relatam diversas delas. Aliás, as igrejas vivem de crise em crise. Esse fato, porém, não é motivo para desespero. A crise deve ser encarada pelos cristãos como bênção dupla: 1) Por seu intermédio, Deus está chamando suas igrejas ao arrependimento e exame próprio; e 2) Deus, então, despertará seu povo e revivificará a sua igreja.

Esta crise é de identidade: o que é a igreja? É possível que tenhamos dedicado tanto esforço em agir como igreja que não sabemos mais o que é a igreja. A procura da sua identidade exige entendimento dos propósitos de Deus em relação às igrejas e ao mundo. Temos de saber qual é sua natureza antes de planejar sua missão no mundo contemporâneo. Estas e outras questões orientarão nossos estudos, visto que são fundamentais para o auto-exame e o arrependimento – passos preliminares para o reavivamento das igrejas.

3. A IDENTIDADE DA IGREJA TEM DE SER DETERMINADA SEGUNDO A BÍBLIA

De onde vêm as respostas quanto à identidade da igreja e a definição da sua missão? As respostas dadas variam, inclusive dentro da mesma igreja. Apresentam-se três fontes:

A. Sócio-cultural

A igreja é uma instituição social; sua natureza e função são determinadas por fatores culturais.

B. Tradicional

A igreja é uma instituição histórica, moldada por suas tradições. Ela mantém as doutrinas e práticas herdadas e as transmite às futuras gerações.

C. Bíblica

A igreja é um organismo criado por Deus, o qual revelou na Bíblia sua natureza e missão. Além de apresentar a doutrina que a igreja deve ensinar, o Novo Testamento estabelece o padrão para a vida eclesial.

Sem dúvida, as duas primeiras considerações são importantes. As igrejas têm de ser relevantes ao meio sócio-cultural em que vivem. Além disso, ninguém vive sem tradições; elas são importantes para cada igreja. As “igrejas não-tradicionais” também têm as suas tradições. Essas respostas focalizam os fatores humanos que moldam as igrejas, mas não chegam à questão básica, *a questão da identidade da igreja segundo os desígnios divinos*. Por isso, partimos do pressuposto de que o esclarecimento sobre *a natureza e a missão da igreja* tem de partir da própria Bíblia.

Outros afirmam que a crise não é uma questão de identidade, mas, sim, de metodologia. Dizem que os problemas das igrejas encontrarão solução por intermédio do melhoramento dos *modi operandi* empregados nas suas diversas atividades. Outros acham que as soluções são questões de procedimentos e estruturas.

Nisso, também, afirmamos a centralidade da Bíblia. A metodologia (as práticas eclesiais), assim como a identidade, doutrina e vida da igreja, tem de brotar das Escrituras. Como a igreja é um dos temas centrais na Bíblia, a Bíblia tem de ser central na determinação de sua identidade e prática. Este é nosso pressuposto básico neste estudo. Estamos comprometidos com a autoridade da Escritura, inclusive na eclesiologia.

O ministério pastoral, a educação cristã, a música sacra, missões, a construção de prédios, os esforços em fazer discípulos e equipar os crentes—tudo isto depende de uma coisa fundamental. Depende dos alicerces teológicos das igrejas. Às vezes esquecemos disto e vendemos nosso “direito de primogenitura” por um cozido de lentilhas de sociologia, psicologia, marketing ou filosofia educacional. Idéias procedentes destas disciplinas são úteis, mas sempre devem ser submissas à teologia bíblica. Elas podem assessorar a caminhada, mas não podem determinar a direção da caminhada, isto é, os propósitos da igreja. Sua natureza e missão e todas as suas atividades devem ser determinadas pela teologia bíblica.

Eu procuro viver e ensinar sob a autoridade das Escrituras. Reconheço que minha interpretação delas é incompleta (“conheço em parte”, 1Co 13.12) e influenciada por minhas tradições eclesiais e experiências pessoais. O leitor pode ter outras interpretações. Conversando sobre o ensino bíblico, irmãos em Cristo podem construir para ampliar nossa compreensão e diminuir as divergências.

4. A ECLESIOLOGIA CARECE REFORMA BÍBLICA

Possivelmente, entre todas as doutrinas, a da igreja— a eclesiologia— é a mais carente de atenção hoje. Tem de ser reexaminada porque é ela que determina as mudanças necessárias nas práticas eclesiais. Como Lawrence Richards comentou na introdução ao seu livro, *Teologia da Educação Cristã*:

Este livro começa com um exame da igreja. O seu conteúdo está baseado na convicção de que a eclesiologia deve ser a origem da nossa compreensão de educação, e que a educação cristã é mesmo uma disciplina teológica. Eu estou convencido que esta posição quanto à educação cristã questionará muitas velhas suposições e proporcionará uma visão nova que desvendará possibilidades no futuro que no momento não podemos ver (Richards, *Educação*, p.7).

Infelizmente, poucos examinam o programa de uma igreja e suas estruturas à luz da natureza e missão da igreja. É mais comum definirmos as igrejas segundo nossa herança eclesiástica. Ela estabelece certas marcas imprescindíveis delas, tais como: a palavra proclamada, cultos assistidos aos domingos, as ordenanças administradas, a disciplina exercida, etc.

Os Reformadores do século XVI levaram muitas doutrinas ao exame das Escrituras. Infelizmente, a doutrina da igreja sofreu poucas modificações básicas. A definição da igreja conformou-se com a situação social, religiosa e política daquela época. Em vez de proclamar uma definição bíblica da igreja, os reformadores ficaram contentes em se separar da igreja Romana. Em algumas outras áreas teológicas, eles voltaram à autoridade da Bíblia. Cabe a nós aplicar o mesmo princípio à eclesiologia. Definindo a natureza e missão da igreja segundo as Escrituras, teremos bases para determinar suas práticas, para uma reforma continua da eclesiologia.

Francis A. Schaeffer afirmou que, neste mundo pós-cristão, a necessidade básica da igreja ortodoxa evangélica é reforma, reavivamento e revolução construtiva. Esta reforma quer dizer a restauração e volta à doutrina e os ensinamentos da Escritura; o reavivamento, a restauração da vida cristã, no seu relacionamento verdadeira com o Espírito Santo. Ele continua:

Os grandes momentos na história eclesiástica vieram quando estas duas restaurações entraram em ação simultaneamente de

forma que a igreja voltou à doutrina pura e as vidas dos cristãos na igreja conheceram o poder do Espírito Santo. Não pode haver verdadeiro reavivamento sem reforma; e reforma não está completa sem reavivamento. Tal combinação de reavivamento e reforma seria revolucionária em nosso dia (Schaeffer, *Igreja*, p. 11).

Apesar das dificuldades, afirmamos que há esperança. Não é esperança nas próprias igrejas, como se fossem entidades auto-existentes. Mas é esperança no Deus que, segundo seus propósitos eternos, criou

...através de Jesus Cristo, uma nova sociedade que se destaca num brilhante relevo contra o pano de fundo sombrio do velho mundo. A nova sociedade de Deus é, pois, caracterizada pela vida em lugar da morte, pela união e pela reconciliação em lugar da divisão e da alienação, pelos padrões sadios da justiça em lugar da corrupção e da iniquidade, pelo amor e pela paz em lugar do ódio e da contenda, e pelo conflito sem trégua com o mal em lugar de uma convivência com ele (Stott, p. ix).

Temos esperança em Jesus Cristo, o qual prometeu: “Edificarei a minha igreja e as portas do hades não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18).

5. EXAMINEMOS AS IGREJAS, MOTIVADOS PELO AMOR

Esta esperança de reforma requer que: 1) examinemos o ensino bíblico quanto à igreja, e que, em seguida, 2) reflitamos sobre as maneiras em que este ensino pode melhor se expressar em nosso contexto atual. Isto exige análises das nossas igrejas à luz das Escrituras, auxiliadas por percepções socio-culturais e históricas. As experiências positivas e negativas do povo de Deus através dos séculos podem contribuir muito à nossa compreensão. Suas tradições não podem ser abandonadas sem exame. Este estudo não propõe apresentar soluções finais para os problemas

de igrejas. O melhor que podemos fazer é ajudar aos interessados a pensar em algumas das questões críticas, estabelecer alicerces em que se pode firmar e indicar diretrizes que os levarão a soluções. Quer dizer, nosso propósito é ajudá-los a pensar com criatividade orientada pelas Sagradas Escrituras.

Há, porém, uma outra exigência: 3) que examinemos nossos próprios motivos e atitudes. Por que queremos mudar as igrejas? Como Martin Luther King dizia: “Se você deseja mudar alguém, você deve amá-lo.” Para contribuir para a edificação das igrejas, temos que amá-las. Nossos melhores esforços podem fracassar, não por falta de análises, mas por falta de amor. Ao concluir seu estudo desta disciplina, um aluno testemunhou: “Passei de ser crítico, para adquirir um senso crítico.” Para beneficiar a igreja que Cristo ama, é necessário temperar nossas análises com o amor.

Algumas pessoas constroem um cristianismo que consiste inteiramente em um relacionamento pessoal com Jesus Cristo, e que, virtualmente, nada tem a ver com a igreja. Outros fazem com má vontade uma concessão à filiação à igreja, mas acrescentam que já rejeitaram a organização eclesial como sendo irrecuperável. Ora, é compreensível, até mesmo inevitável, que critiquemos muitas das estruturas e tradições herdadas pela igreja. Toda igreja, em todo lugar e a todo tempo, precisa de reforma e de renovação. Devemos, no entanto, ter cautela para não desprezarmos a igreja de Deus, e para que não sejamos cegos diante da sua ação na História. Podemos dizer com segurança que Deus não abandonou a sua igreja, por mais insatisfeito com ela que ele talvez esteja. Ainda a está edificando e refinando. E se Deus não abandonou, como é que nós podemos abandoná-la? Ela ocupa um lugar central no seu plano (Stott, *Contracultura*, p. 89).

Cristo amou a igreja e deu sua vida por ela. Desejamos que, através dos estudos deste livro, nós, também, com todo o coração, amemos a igreja e demos nossas vidas por ela. É nada mais, nada menos de que uma prova do nosso amor para com Jesus Cristo.

Um dos nossos objetivos é mostrar como a doutrina da igreja é central na Palavra de Deus. As implicações para a vida comunitária do povo de Deus aparecem em muitas páginas do Novo Testamento. Veremos como a Eclesiologia é um assunto de grande relevância para a vida de cada filho de Deus.